

S E R M A M

IAS EXEQUIAS DELREY NOSSO SENHOR

DOM PEDRO II.

QUE PREGOU

O R. P. MIGUEL DIAS DA COMPANHIA
de JESUS,

ASSISTENTE
PELAS PROVINCIAS DE PORTUGAL
em Roma,

NA IGREIA DE SANTO ANTONIO
da Nação Portuguesa no anno de 1707.



Em Roma na Officina de Antonio da Rosa.

Anno de 1707.

Com licença dos Superiores.

L2853

2/3114

SE R M A M

REQUISITUS DE REY NOSTRO SENHOR

DOM PEDRO II

QUE PRECOU

O R. P. MIGUEL DIAS DA COMPANHIA
de JESUS

ASSISTENTE

PELAS PROVINCIAS DE PORTUGAL
em Roma

VALERIA DE SANTO ANTONIO
da Navegação Portuguesa no anno de 1707



Em Roma: na Officina de Antonio da Rocha

LB
18
26B

LB
252.02
54450
Anno de 1707
Com licença dos Superiores



Memoria Josæ in compositionem odoris facta opere pigmentarij. Ecclesiast. 49. 1.



Esta urna funeral mais chea de lagrimas, que de cinzas; neste Regio, & sumptuoso tumulo, que a Nação Portugueza, em testemunho igualmente de seu amor, que de sua dor, consagra hoje com triste luto, & funesto canto, á suave memoria do seu amabilissimo Rey, o Serenissimo Senhor D. Pedro II. podemos com muyta propriedade gravar aquelle celebre Emblema, que os Egypcios costumavaõ antigamente esculpir no jaspe, que cubria as urnas dos seus Reys defuntos. Era o Emblema hũ coração atravessado com duas lanças, & coroado com este Mote, *Tecum amor in Sepulchro*; querendo significar no Mote, que ainda entre as cinzas do Sepulchro estava muyto viva a braza do amor, que a seus Reys tiveraõ em vida; & no coração alanceado, que a dor de os perderem na morte lhes atravessava os corações. Podemos, digo, gravar com muyta propriedade este Emblema, & este Mote, naquella urna do nosso Serenissimo Rey, porque

A 2

hũa,

hũa, & outra cousa, amor, & dor, nos merece por suas Reaes prendas, & singulares virtudes, as quaes faço conta de elogiar, não com discursos rhetoricos, nem com periodos eloquentes, porque quando o objecto de hũa oração funebre he tão doloroso, como he, o que tenho entre mãos, nem a Rhetorica atina a formar discursos, nem a eloquencia a compor periodos, para que atè na descomposição do estylo se veja a força do sentimento; por isso me não valerey tanto do discurso, quanto da memoria, *Memoria Josiæ*, fazendo hũa simples recordação das singulares prendas, que o nosso Rey Serenissimo teve para ser amado, & por boa consequencia as muytas razões, que temos para na sua morte nos mostrarmos sentidos.

E vem a ser, o que reza o nosso thema, fallando del Rey Josias, cuja memoria renovava em todos os seus vassallos o amor, q̃ lhe tiveraõ em vida por suas grandes virtudes semelhantes a hũa confeição de suavissimos aromas: *Memoria Josiæ in compositionem odoris*; & ao compasso do amor, que lhe tinhaõ, se lhes via nos olhos a dor, desfazendo-se todos em ternissimas lagrimas, por haverem perdido hum tão grande Rey: *Universus Juda, & Israel luxerunt eum*. Qual fosse a confeição aromatica, a que era semelhante a memoria de Josias, explica bem o Texto Grego, dizendo, que era o *Thymiana*, no qual diz o doutissimo A Lapide, se re-

do Serenissimo Senhor D. Pedro II.

5
presentava a singular piedade daquelle Rey:
Thymiana maximè notat pietatem Josiæ; porque
assim como o Thymiana se compoem de varias
especies aromaticas, assim a piedade de Josias, sen-
do hũa só, comprehendia muytas, & muy excel-
lentes virtudes: de sorte que todas as virtudes,
com que ElRey Josias se fez amavel em vida, &
suave, como preciosa confeyção de aromas, a sua
memoria depois da morte, *Memoria Josiæ in com-
positionem odoris*, se reduzem ao Thymiana da
piedade: *Thymiana maximè notat pietatem Josiæ*,
da qual o sagrado Texto o louva muyto, dizendo,
que acudira pela honra, & culto Divino, destruindo
as impiedades da idolatria: *Tulit abominatio- Eccles.
nes impietatis...in diebus peccatorum corroboravit 49.3.5
pietatem*; & pela qual o canoniza por hũ dos Reys
mais santos, que houve em Israel: *Præter David, Ibid. n.
Ezechiam, & Josiam, omnes peccatum commise- 6.
runt.*

Donde este mesmo rumo faço eu conta de se-
guir, reduzindo todas as virtudes do Serenissimo
Rey D. Pedro á singular piedade, de que Deos o
doutou, & pela qual foy hũ dos mais insignes Reys,
que houve em Portugal. Mas para discorrer com
distinção, & clareza, devemos primeyro suppor
com os Sagrados Expositores, que a piedade con-
siderada em toda a sua circunferencia inclue, ou
se divide em duas especies; a primeyra, & princi-

Ad Ti-
moth. I.
4. 7.

pal, tem por objecto só a Deos, & comprehende a virtude do zelo, que devemos ter da honra, culto, & religião da verdadeyra Divindade; & juntamente a virtude do affecto, & devoção para com o mesmo Deos; assim o affirma o doutissimo ALapide sobre aquellas palavras do Apostolo a Timotheo: *Exerce te ad pietatem. Proprijsimè pietas* (diz elle) *Deum respicit; estque Dei cultus, & sincerus erga eum affectus, ac studium internæ devotionis.* A segunda especie tem por objecto os homês, & comprehende as virtudes da misericordia, da clemencia, & da benignidade; assim o ensina Santo Ambrosio allegado pelo mesmo A Lapide: *Ambrosius intelligit misericordiam, & beneficentiam in proximum.*

Isto supposto, comecemos pela primeyra, & principal especie da piedade, em quanto comprehende o zelo da honra, culto, & religião do verdadeyro Deos. Neste particular foy a piedade do Serenissimo Rey D. Pedro hũa virtude de esfera tão dilatada, que não se restringindo aos limites de Portugal, abrangio a todo o mundo com tão felicissimos successos, que me dão fundamento para cuydar, que a este fim o levantou Deos ao trono, & lhe meteo na mão o cetro. Parece muyto dizer, que abrangio esta sua piedade a todo o Universo, mas o discurso me desempenhará. Levantou Deos a David do humilde estado de pa-

tor ao throno de Israel; a causa aponta a meu intento S. Joaõ Chrysoftomo na sua Homilia de David, & vem a fer, porque em todo o povo, & exercitos de Israel, não houve, nem grande, nem pequeno, nem soldado, nem Capitão, (& nem ainda o valentão de Saul) que se atrevesse a acudir pela honra de Deos contra as blasfemias, que o Gigante Goliath vomitava em opprobrio da verdadeira Divindade, & dos seus exercitos, quaes ^{1. Reg.} ^{17. 37.} *Ausus est maledicere exercitui Dei viventis.* Sò o pastorinho David teve animo para tão ardua empreza, executando-a, assim ao longe com a funda, como ao perto com a espada; ao longe com a funda, dando em terra com o Gigante, figura, como quer o mesmo S. Chrysoftomo, da idolatria; & ao perto com a espada, cortando-lhe a cabeça em castigo de sua impia, & temeraria ouzadia: *Saul Rex, (diz Chrysoftomo) populusque terretur, formidant cuncti, trepidant omnes... & tremantibus cunctis, solus David constitit intrepidus.* E quem assim acode pela honra de Deos, digno he, (conclue o mesmo Santo fallando com David) digno he de empunhar o cetro, & cingir a Coroa: *Tu enim, deficiente Rege, Rex ipse, & dignitate, & merito extitisti.*

Outro David na Ley da Graça me parece a mim o Serenissimo Rey D. Pedro, porque assim ao longe nas suas Conquistas da Asia, da Africa, &

& da America, como ao perto no seu Reyno de Portugal, & na sua Corte de Lisboa, acudio sempre pela honra, culto, & religião do verdadey Deos. Ao longe nas suas Conquistas a promoveo, derrubando o Gigante da idolatria com o estalo da funda, isto he, com o som da prégação Evangelica: *In omnem terram exivit sonus eorum*, figurada, como diz Hugo Cardeal, na funda de David: *In funda, & lapide prostravit David Goliath, idest, Christus Diabolum, prædicatione, & opere*. Derrubou, digo, o Gigante da idolatria com o estalo da funda, ou som da prégação Evangelica, por meyo dos muytos, & fervorosos Prégadores da Fé, que todos os annos mandava para aquellas Regiões bem instruidos com prudentes, & pias exhortações, que lhes fazia, animando-os a se empregarem com todo o desvelo na salvação daquellas almas, porque não estimava, nem queria tanto a dilatação do seu Imperio, quanto a mayor gloria de Deos, a propagação da Fé, & a ruina da idolatria: & para melhor promover tão pia, & religiosa empreza, fundou nas mesmas Regiões, & dotou á sua custa cinco Bispados, & hum Seminario; promulgou leys muy favoraveis aos Indios, a pezar de quem os queria vexar, & cativar; sustentou Bispos, Parochos, Missionarios, Catechistas, & ainda muyto numero de soldados para defenſa das fortalezas, & amparo dos Chriſtãos

tãos novamente convertidos, com taõ largos dispendios de sua Real fazenda, que tudo, quanto he rendiaõ as Conquistas da India, gastava, (cõ o mesmo Serenissimo escreveo ao Papa Alexandre VIII.) no sustento dos Ministros Evangelicos, & mayor bem daquellas novas Christandades.

Nem foy menor o desvelo, com que ao perto no seu Reyno, & na sua Corte, meneou por si mesmo a espada do zelo, que tinha da honra de Deos, do culto Divino, & do augmento da Religiaõ. No seu Reyno zelou a honra do Celestial Esposo das Religiosas consagradas a Deos, prohibindo sob graves penas a todos os seus vassallos, q̃ naõ as inquietassem com escusadas conversações, & perigosas correspondencias. Na sua Corte promoveo o culto da Sacrosanta Eucharistia com seu exemplo, porque todas as vezes que sahindo de Palacio encontrava o Santissimo Sacramento, que o Parocho levava a algum enfermo, logo desmontando da carroça tomava na maõ huma tocha, & a pè acompanhava o Senhor até a casa do enfermo, & dalli até a Parochia, deyxando ao enfermo, se era pobre, & á Parochia, huma boa esmola. Na mesma Corte procurou a conversão dos Mouros, que os baxeis de Portugal cativavaõ, fazendo-os vir á sua Real

presença, & prégandolhes a Fé com tal fervor, & razões, que reduzio a muytos, dos quaes hũ, antes de se bautizar, tendo algumas duvidas sobre a Fé, as foy consultar com o Serenissimo Rey a tempo, que estava á mesa, da qual logo, sem demora, se levantou; & dizendo-lhe os seus Camaristas, que entretanto se esfriariaõ as iguarias, respondeo, que mais desabridas lhe seriaõ, se o seu coração se esfriasse no amor de Deos, & daquelle proximo, (reposta muy parecida áquella de Christo, quando todo applicado á conversão da Samaritana não attendeo ás iguarias, que lhe offereciaõ os Apostolos: *Rabbi manduca, ... meus cibus est ut faciam voluntatem ejus, qui misit me*) & de tal sorte satisfez ás duvidas do Catechumeno, que finalmente se bautizou com singular consolação do piissimo Rey.

Joan. 4.
32.

Em fim até á sua mesma pessoa abrango o golpe da espada, com que zelava ao perto a honra de Deos, porque assim o mostrou na rigorosa penitencia, que fez por suas culpas, a qual, (como sente Tertulliano) he hum pio desaggravo da honra Divina impiamente leza pela culpa:

Lib. de
pœn. c.
11.

Nunc maceror, (diz elle) & crucior, ut Deum reconciliem mihi, quem delinquendo læsi; & neste genero de satisfação, ou desaggravo da honra Divina por meyo da penitencia, foy admiravel o

Se-

do Serenissimo Senhor D. Pedro II.

II

Serenissimo Rey, porque sabemos, por relação do seu Confessor, que perto de hum anno dormio vestido sobre huma taboa, envolto em hum vil, & grosseiro pano; que jejuava a pão, & agua as Sestas feyras da Quaresma, vestindo nestes dias hum aspero cilicio, & tomando huma rigorosa disciplina; & que não se podia acabar com elle, que comesse carne nos dias prohibidos, por mais que lhe fosse necessaria, & lha receitassem os Medicos. Verdadeyramente, que tão aspera penitencia em hū Rey parece raro prodigio digno de toda a admiração: a que fez Achab Rey de Israel vestindose de cilicio, jejuando, & dormindo vestido sobre hum sacco: *Operuit cilicio carnem suam, jejunavitque, & dormivit in sacco*, levou de tal sorte os olhos a Deos, que á maneyra de quem se admira de hum cousa rara, & prodigiosa, a manifestou logo ao seu Profeta Elias, dizendo-lhe como admirado: Não viste a Achab mortificado, & humilhado diante de mim? *Nonne vidisti humiliatum Achab coram me?* Pois se a penitencia de hum Rey tão impio como Achab assim levou os olhos a Deos; que faria a de hum Rey tão pio como o Serenissimo D. Pedro, particularmente sendo a penitencia não só externa, & nascida do temor dos castigos Divinos, como a de Achab, mas tambem interna, & nascida do

3. Reg.
21.27.

B 2

amor,

amor, que a Deos tinha, & do ardente zelo de lhe restituir, por meyo da penitencia, a honra, & obsequio, a que lhe faltára pela culpa? Certo, que este modo de penitencia em hum Rey seria de tanto agrado a Deos, que não só lhe levaria os olhos, mas tambem lhe roubaria o coração.

O lugar, que Deos teve de mayor agrado cá na terra em tempo da Ley Escrita, foy o seu Tabernaculo, em que morava como em casa de sua recreação: *Tabernaculum suum, ubi habitavit in hominibus*; & sendo que por dentro tudo nelle era madeyra preciosa, & ouro finissimo, ainda assim ordenou Moysés, que por fóra o cubrisse com onze cilicios: *Facies, & saga cilicina undecim ad operiendum tectum Tabernaculi*; parece que não dizia bem huma cuberta tão grosseyra em hum Tabernaculo tão magnifico; para que tantos cilicios por fóra em huma obra tão rica, & preciosa por dentro? porque o Tabernaculo tinha dentro de si a Arca do Testamento, da qual diz o Profeta Rey, que era a virtude de Israel: *Tradidit in captivitatem virtutem eorum, idest, Arcam*, (cōmentou Lorino) não só porque era a fortaleza, & defenfa do povo Judaico, mas porque nella morava Deos centro de toda a virtude, & santidade; essa Arca, ou virtude de Israel, estava cingida em roda com huma coroa de ouro finissimo:

Fa-

do Serenissimo Senhor D. Pedro II.

13

*Faciesque suprà coronam auream per circuitum; & Tabernaculo, em que se acha a virtude, Virtutem eorum, idest, Arcam, junta com a coroa, suprà coronam auream, cubra-se de cilicios por ultimo complemento de sua admiravel architectura, & perfeysão, para ficar de todo perfeyto, & agradavel aos olhos Divinos, porque se agrada muyto Deos de ver vestida de cilicio, saga cilicina, hũa virtude coroada, virtutem eorum suprà coronam auream. Logo se o Serenissimo Rey soube ermanar a virtude com a Coroa, & esmaltar a Coroa com o aspero do cilicio, & rigor da penitencia, claro está, que o Tabernaculo da sua alma havia levar os olhos, & roubar o coração de Deos, & morar a Divina Magestade nessa alma com agrado semelhante ao que tinha em habitar no seu Tabernaculo cuberto de onze cilicios: *Facies & saga cilicina undecim ad operiendum tectum Tabernaculi.**

Ex od.

25.11.

A esta primeyra especie de piedade pertence tambem, como acima presuppuz com o dou-tissimo A Lapide, a ternura do affecto, & devo-ção para com Deos: *Estque sincerus Dei affectus, ac studium internæ devotionis*; da qual o Serenissimo Rey deo singulares mostras em muytos, & muy pios actos para com o mesmo Deos, & seus Santos. Para com Deos, porque o cordeal affe-

B 3

cto,

cto, que tinha á Divina Magestade, lhe sahia aos olhos nas lagrimas, que derramava, quando ouvia, ou nos sermões publicos, (a que assistia com grande attenção) ou em praticas particulares, tratar algũas materias de espirito, que podessem mover a devoção, dando com esta ternura exterior hũ evidente final da piedade para com Deos, que lhe assistia no intimo do coração. Para com os Santos foy tambem singularmente pio, & devoto; a muytos, cujas Imagẽs tinha á roda da Camera, em que dormia, fazia suas particulares deprecações antes de se recolher ao descanso do leito, por mais tarde que fosse; & por mais cansado que estivesse de expedir os negocios do Reyno. A S. Francisco de Assis venerava com tal affecto, que em vendo algũ Religioso seu, logo o chamava a si, ainda que estivesse em publico rodeado de muytos senhores da sua Corte, & lhe beijava o habito, em testemunho da especial devoção, que tinha ao Serafico Patriarcha. A São Francisco de Borja, seu Avò, pagava todos o^s annos o tributo de hũa boa esmola para a sua festa, não só em reconhecimento do parentesco, que com elle tinha, mas em final do muyto que o venerava por sua grande santidade.

Mas aonde subia mais que de ponto esta sua piedade para com os Santos, era na cordeal devoção,

ção, que tinha á Rainha de todos elles, a Virgem Santissima; esta Senhora era o alvo de seus mais tenros affectos, o objecto de seus humildes obsequios, & o refugio, a que acodia em seus mayores trabalhos. Todos os Sabbados infallivelmente, por mais occupaões, que tivesse, & por mais rigorosas que fossem as inclemencias do tempo, hia, sem comitiva de criados, sem cortejo de Fidalgos, & sem Guarda Real, acompanhado unicamente de hũ seu Camarista, visitar a Imagem de N. Senhora das Necessidades, que está fóra da Corte em huma Igreja distante de Palacio duas milhas; alli prostrado aos pès da Beatissima Virgem largava as velas á sua devoção; alli lhe manifestava a ternura de seus affectos; alli lhe offerecia toda a sua Casa Real, & pedia remedio para todas as suas necessidades. E não lhe sahirão irritas estas preces, nem estas visitas sem remuneração, porque a Senhora com hũa só visita, que lhe fez, lhe pagou largamente as muytas que o Serenissimo Rey lhe fizera no seu Templo das Necessidades, porque estando mortalmente enfermo, depois que voltou da Campanha da Beyra, & tendo-se feyto na Corte de Lisboa muytas, & muy fervorosas preces por sua vida, & saude; tendo sahido em procissão pela mesma causa muytas, & muy devotas Imagès, particularmente

te a do Santo Christo dos Passos, & a do bom Jesus do Carmo, Imagẽs de summa veneraçã naquella Corte, & que não sahem a publico senão em algũa occurrencia tão urgente, como era esta; ainda assim não se via no enfermo final algum de melhoria, atè que finalmente lá sobre a tarde do mesmo dia, em que se cuidava acabaria a vida, lhe trazem em procissão ao Palacio a Sagrada Imagem da Virgem purissima das Necessidades tão amada, & venerada do Serenissimo Rey, & logo naquella noyte, (couza que me pareceo prodigiosa) começou a dar sinaes de melhoria, a qual nos dias seguintes se foy corroborando cada vez mais, até recuperar bastante saude, com que viveo ainda dous annos, que a Senhora, como eu imagino, lhe concedeo, para se apparelhar mais devagar para a ditosa morte, com que passou da vida temporal à eterna.

Eu observo neste prodigioso successo a prefezeza, com que Deos concedeo a vida, & saude ao Serenissimo Rey por intercessão da Virgem Senhora das Necessidades, não lha tendo concedido por meyo das sagradas Imagẽs de Christo tão veneradas na Corte de Lisboa; & atrevome a dizer, nos quiz Deos significar, que na extrema necessidade da saude, em q se achava o Serenissimo Rey, podião os seus vassallos suspender o recurso

foa Christo, quando tinham tanto á mão o patrocínio da Virgem Maria das Necessidades, singular Patrona do seu Principe moribundo. Navegavão hũa hora os Apostolos em companhia de Christo, & vendo-se arriscados a naufragar por força de hũa horrivel tempestade, que de repente se levantou estando o Senhor dormindo: *Motus magnus factus est in mari, itaut navicula operiretur fluctibus, ipse verò dormiebat*, acodem a seu patrocínio, pedindolhe remedio para tão extrema necessidade: *Domine salva nos, perimus*. Elper-ta então Christo do sono, & reprehendeos levemente de seu temor, & pusillanimidade: *Quid timidi estis?* E bem, Senhor, vem-se os Apostolo arriscados a perder a vida entre as ondas, & deyxais-vos estar adormecido, sem tratar de os remediar, *Ipsè verò dormiebat?* Vem-se quasi comidos dos mares, & não hão de temer, *Quid timidi estis?* Não; porque a naveta, em que hão, era imagem, ou figura da Virgem Santissima, conforme aquillo dos Proverbios: *Facta est quasi navis institoris de longè portans panem suum*. A qual semelhança de não accommoda o doutissimo A Lapide á Beatissima Virgem: *Eadem adaptes Beatissimæ Virgini, quæ in domum, idest, in Ecclesiam, invexit panem vivificum, Christum Dominum.... Ipsa velut navis institoris plena fuit mercibus celestibus; & quem no mayor perigo da vida tem tan-*

to á mão, (como tinham os Apostolos na sua naveta) hũa só Imagem, ou figura de Maria Santissima, *Ipsa velut navis institoris*, não tem que temer, bem pôde Christo lançar-se a dormir, que a Senhora tratará de o remediar. No evidente perigo de vida, em que estava o Serenissimo Rey, bradava o povo de Lisboa ao Santo Christo dos Passos, & ao bom JESUS do Carmo, pedindo a vida para o seu Rey: *Domine salvum fac Regem*, como a pedião para si os Apostolos: *Domine salva nos*; mas o Senhor, como se estivesse adormecido, *Ipse verò dormiebat*, não acabava de ouvir os seus rogos, nem de pôr o cumpra-se a suas petições, porque esperava, que em tão grande perigo recorressem, & invocassem a Virgem Senhora das Necessidades, dizendolhe: *Domina salvum fac Regem*; & tanto que recorrêrão ao patrocínio desta Senhora, & invocando-a devotamente, levárão a sua Imagem á Camera do Rey enfermo, logo lhe entrou por casa a faude, verificando-se neste prodigioso successo, o que disse devotamente Santo Anselmo, que muytas vezes se alcança mais facilmente a faude, invocando a Virgem Maria, do que invocando a Jesus: *Velocior est nonnumquam salus memorato nomine Mariæ, quàm invocato nomine Domini Jesu*.

Isto quanto á primeyra especie da piedade, que o Serenissimo Rey teve a respeito de Deos, & de

Psalm.

19.10.

*Lib. de
Excel.
Virg.
cap.6.*

de seus Santos; passemos agora á segunda, considerando-a a respeito dos homens, em quanto comprehende a clemencia, a benignidade, & a misericordia, como ao principio adverti com Santo Ambrosio: *Ambrosius intelligit misericordiam, & beneficentiam in proximum*. Esta especie de piedade he tão propria dos Principes, que chegou a dizer S. João Chrysostomo, q̃ para louvar a hũ Rey não ha melhor elogio, que o da clemencia, & misericordia: *Siquis Principem laudare velit, nihil illi adeo decorum adscribet, atque misericordiam; Principatus enim proprium est misere-* Homil.
4. ad
Philip.
ri. Por isso antigamente (acrescenta o mesmo Santo) na criação dos Reys se costumava usar cerimonia de os ungir com oleo, dando a entender, que assim como o oleo he symbolo da benignidade, assim o Rey ha de ser todo benigno, & affavel para todos: *Propterea reges ungebantur, quia Divinae benignitatis symbolum habet oleum*. Oh Rey benignissimo, no qual a clemencia, & benignidade era tão connatural, que mais parecia do te da natureza, que prerogativa da graça! era tão benigno, & affavel, como se fosse não Rey soberano, mas Pay amoroso de todos; assim o affirmarão algũs Senhores, que de Alemanha forão a Portugal, os quaes depois de o verem, & tratarem, differão com grande admiração, que os Portuguezes tinham hum Rey, que mais era Pay de

seus subditos, que Príncipe, & Senhor de seus vassallos.

E pôde ser que este fosse o motivo, que teve, para nunca, (por mais instancias que se lhe fizessem) se deixar coroar com a devida, & costumada solemnidade, porque não queria parecer Rey dos que tinha mais por filhos, que por vassallos. Pela mesma razão foy tão moderado em impor novos tributos, & tão contrario a que os antigos se arrecadassem com violencias, & vexações; porque os Reys, que são Pays, não costumão vexar com tributos a seus vassallos, (conforme aquillo de Christo a S. Pedro, fallando do tributo, que se lhe pedia para Cesar: *Ergo liberi sunt filij*;) & quando seja necessario tirarlhes alguns, o devem fazer com tal moderação, & suavidade, que não sintão os vassallos, o que se lhes tira. Não tinha Adão no Paraíso outro Pay, nem outro Rey, mais que a Deos, & querendo o Senhor tirarlhe hũa das costas para formar a Eva, tiroulha estando Adão, não acordado, mas adormecido, para que não sentisse, o que lhe tirava: *Cumque obdormisset, tulit unam de costis ejus*; porque hum Rey, que he juntamente Pay, como era Deos de Adão, ha de tirar dos vassallos, o que lhe for necessario, com tal suavidade, que o não sintão: se Deos tirara a Adão a costa estando acordado, que dores não sentiria? Tirar dos vassallos com dor, & senti-

men-

Matth.
17.25.

Genes.
2.21.

mento, o que he necessario ao Principe, he vexação indigna de hum Rey, que se preza de ser Pay; & como o Serenissimo D. Pedro se prezava tanto de ser Pay de seus vassallos, não os queria vexar. Antes a todos tratava com entranhas verdadeiramente paternas, a todos acodia, & remediava; aos pobres com esmolas, assim publicas, como occultas; aos cativos, com o resgate, particularmente se erão arriscados a faltar na Fé; ás almas do Purgatorio com Missas, em que gastava cada anno quatro, ou cinco mil cruzados; aos enfermos desamparados, com hospital, & medicinas, como fez aos Mouros convertidos á Fé, a quem não só mandou preparar hũ hospital particular, & acodirlhes com tudo, o que lhes fosse necessario, mas tambem o mesmo Serenissimo Rey em pessoa os visitava algũas vezes, & com suas Reaes mãos lhes fazia, & accommodava as camas, como se fosse hum caritativo enfermeyro. Em fim para com todos era misericordioso, benigno, & affavel; a todos ouvia com agrado; a todos respondia com benevolencia; a todos consolava, ao menos com suaves palavras, quando o não podia fazer com obras, para que nenhũ sahisse descontente de sua Real presença, verificando-se nelle aquelle celebre dictame, q̃ do Emperador Tito Vespasiano refere Suetonio: *Non oportere quemquam à sermone Principis tristem discedere.*

E se alguma vez a justiça o obrigava, como a Príncipe soberano, a se mostrar severo, & justicoso, (o que fazia quando era precisamente necessario) sempre inclinava mais para a brandura, que para o rigor, porque entendia, (& entendia bem) q̃ o Rey não ha de menear a vara do governo, tanto para ferir, quanto para indireytar; por isso o que podia emendar com palavras brandas, não o remediava com duros golpes. A vara do vosso Reyno (dizia David a Deos) he vara de direcção: *Virga directionis, virga Regni tui*. Se a vara he symbolo da justiça, do rigor, & da coacção, como todos sabem, porq̃ chama David á do Rey-
 o de Christo vara de direcção: *Virga directionis, virga Regni tui*? Porque era vara de hũ Deos mais inclinado á misericordia, que á justiça: *Miserationes ejus super omnia opera ejus*. Quem usa mais de justiça, tem a vara para ferir; quem usa mais da misericordia, tem a vara para indireytar, porque as desordẽs, que pòde indireitar, só fallando, não as remedeia, ferindo: *Virga Christi*, (disse Lc̃ no sobre o passo) *quia Deus est, tota directionis, & recta*. Se Moysês seguira este dictame, quando lá no deserto quiz tirar agua de hũa pedra, não cometeria o peccado, pelo qual Deos lhe tirou a vida, & negou a entrada na terra de Promissão: era Moysês Príncipe do Povo de Israel, tinhalhe Deos ordenado, que fallasse á pedra para della tirar

Psalms.
2. 2.

Psalms.
104. 9.

rar agua : *Loquimini ad petram* ; mas elle , em lu-
 gar de lhe fallar , a ferio duas vezes com a sua va-
 ra: *Percutiens virga bis silicem* ; por isso Deos o ca-
 stigou com tanta severidade ; porque o Principe,
 qual era Moysés , não ha de executar com golpes,
Percutiens , o que pôde acabar só com palavras:
Loquimini ad petram.

Nem me digaõ, que a vara do Reyno de Chri-
 sto não era só branda para dirigir, *virga directio-
 nis*, mas tambem ferrea para castigar, como disse
 o mesmo Profeta em outro lugar , chamandolhe
 vara de ferro, *Reges eos in virga ferrea*, por ser al-
 gũas vezes necessario, que o Rey trate este , ou a-
 quelle vassallo , in virga ferrea. Assim he ; mas
 advirtaõ, como se explica o Profeta nas palavras
 seguintes : *Et tamquam vas figuli confringes eos*.
 Quando o Rey , diz elle, houver de usar da vara
 do governo para o castigo , *Reges eos in virga fer-*
rea , lembre-se que o vassallo delinquente he fra-
 gil, como hũ vaso de barro , para delle se compa-
 decer : *Et tamquam vas figuli confringes eos*. Para
 quebrar hum pucaro de barro com hũa vara de
 ferro , basta hum leve toque , sem grande impul-
 so, nem demasiado golpe ; pois eis-ahi como hũ
 Rey, para ser pio, & benigno, ha de menear a va-
 ra do castigo contra o vassallo delinquente : a va-
 ra seja embora de ferro : *Reges eos in virga ferrea* ;
 mas o golpe só o que baste para o quebrar , como
 vaso

Num.
20.11

Psalms.
44.7.

vaso de barro, & não para o consumir, & acabar; seja só o que baste para lhe quebrar o coração com dor, & reconhecimento de seu delicto, & tanto que estiver compungido, & quebrantado: *Tamquam vas figuli confringes*, levante-se a mão do castigo, & torne a vara á sua connatural brandura, & direcção: *Virga directionis, virga Regni tui: Virga Christi tota directionis*. Vassallo ouve em Portugal, que merecia muyto bem ser tratado do Serenissimo Rey in virga ferrea, mandando-lhe tirar a cabeça ao golpe do ferro, por culpa de inconfidencia; mas foy tão benigno o clementissimo Rey, que ajuntando com o castigo a clemência, se contentou com o moderado golpe do exilio, perdoando-lhe a vida, que não merecia lograr. Outro houve, que largou incautamente algũas palavras de menos respeyto á Pessoa Real; ouvio-as acaso o Serenissimo Rey, & sem se alterar, nem proceder a castigo algum, dissimulou, como se tal cousa não ouvira, lembrado do que diz o Proverbio commum, que não sabe revnar, quem não sabe dissimular. Oh coração igualmente pio, que generoso! se não tivera já na mão o cetro, só por esta generosa moderação de animo, mereceria lhe puzessem na cabeça a coroa.

Com esta piedade para com Deos, & para com os homẽs, reynou o Serenissimo Rey Dom Pedro trinta, & oito annos, quasi dos em bella

la paz, ainda em tempo, que toda a Europa ardia em viva guerra; sempre amado de seus vassallos, como amoroso Pay, & respeytado como soberano Senhor; sempre favorecido de Deos com felicissimos successos de repetidas vitorias, assim na Africa, como na Europa; de ricas minas de ouro novamente descobertas no Brasil; de Regia, & numerosa successão, que nos deyxou para firmeza da Coroa de Portugal; & o que mais he, com o felicissimo successo de huma ditosa passagem desta para a outra vida; porque tanto que sentio o primeyro rebate da morte já vizinha, fugio logo para a sua Cidade de refugio, o Templo da Beatissima Virgem das Necessidades, & postrado alli em terra diante da Mãe de Deos, invocando-a como estrellá do mar, lhe pedio hũa boa viagem para navegar deste para o outro mundo, & a Senhora lhe concedeo huma marè de rosas tão serena, & quieta, que com grande sossego, & desengano da vida, sem susto, nem perturbação, se persuadio que morria, & recolhendo-se logo a Palacio, se confessou muyto devagar, pedio perdão a todos, lançou a benção aos Serenissimos Principe, & Infantes, fazendolhes hũa prudentissima, & piissima exhortação, que moveo a lagrimas a todos os presentes; & nos tres dias, que lhe restáraõ de vida, estando sempre em seu perfeyto juizo, ia repetindo as devotas jaculatorias,

rias, que lhe sugeriaõ os Religiosos, que lhe assistiaõ para o ajudarem a bem morrer; atè que finalmente perdendo de todo, (hum quarto de hora antes de espirar) os sentidos, acabou com grãde paz, & tranquillidade, a vida mortal para começar a eterna.

Oh que ditosa morte! muyto temos nella, (meus Senhores Portuguezes) que envejar, & tambem muyto que sentir, porque se o povo de Judea, & de Israel choráraõ com grande excessõ a morte do seu Rey Josias: *Omnis Juda, & Israel luxerunt eum*, por ter sido hum Principe muy dado á piedade: *In diebus peccatorum corroboravit pietatem*; com mayor razãõ deve a Nação Portugueza, (pouco disse) deve o mundo todo, chorar a morte do Serenissimo Rey D. Pedro, por ter sido hum Rey taõ pio para com Deos, & taõ benigno para com os homẽs, como tenho mostrado. Digo, que o mundo todo deve chorar a sua morte, porque se na morte da Emperatriz Placilla disse S. Gregorio Nisseno, que o golpe daquella perda abrangia a todo o Universo: *Præsens malum universi prorsus Orbis vulnus est*; o mesmo podemos nõs dizer na do Serenissimo Rey Dom Pedro, chamandolhe golpe que ferio com agudissima dor, & sentimento todas as quatro partes do mundo: *Præsens malum universi prorsus Orbis vulnus est*; porque em todas tãtilharẽs, & mi-

Orat.
funeb.
de Placilla.
Imp

do Serenissimo Senhor D. Pedro II.

27

milhares de vassallos, que o amavaõ ternissimamente; em todas tinha Dominios, que lhe obedeciaõ á risca; todas lhe rendiaõ vassallagem, todas lhe pagavaõ em vida o tributo de suas ricas drogas; & por isso todas na morte lhe devem pagar o de suas lagrimas. Chore logo a Europa, chore a Asia, chore a Africa, chore a America, a morte deste seu grande, & amabilissimo Rey: *Luxerunt eum omnis Juda, & Israel*; cuja memoria lançará de si para sempre o suavissimo cheyro de suas raras virtudes á maneyra de hum Thymia-ma, ou confeyção de preciosos aromas: *Memoria Josæ in compositionem odoris facta opere pigmentarij, &c.*

Laus Deo, Virginique Matri.



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



